



## **Jornalismo e Memória: Questões Teóricas e Práticas de Leitura<sup>1</sup>**

### **Coordenação**

Prof. Dr. Ana Paula Goulart Ribeiro – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

### **Participantes**

Marco Antônio Roxo da Silva<sup>2</sup> – Bolsista Recém-Doutor – Universidade Federal do Rio de Janeiro –UFRJ

Danielle Ramos Brasiliense<sup>3</sup> – Doutoranda – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Igor Sacramento<sup>4</sup> – Doutorando – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

### **Resumo**

Os teóricos da chamada pós-modernidade enfatizam a perda da memória e da referencialidade histórica como uma das características da contemporaneidade. O motivo é a extrema influência estrutura midiática que, com suas redes de informação e acelerados ritmos de transformação tecnológica induziu grande parte da sociedade ao prazer extremado de fruição plena no presente e ao enfraquecimento da consciência histórica. A proposta desta mesa (e dos quatro trabalhos aqui apresentados) é justamente nos contrapor a essa posição. Partindo da idéia de que a cultura da mídia é inerentemente amnésica, mas é também profundamente mnemônica, a idéia é tentar entender de que maneira lembrança e esquecimento coexistem nos meios de comunicação, e perceber quais as relações que entre si estabelecem.

### **Palavras-chave: Mídia, Memória, História, Identidade**

---

<sup>1</sup> Mesa apresentada no III Colóquio Multitemáticos em Comunicação - Multicom, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Marco Antônio Roxo da Silva é Doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense e atualmente desenvolve pesquisa sobre o processo de constituição histórica da identidade jornalística como recém-doutor no Núcleo de Pesquisa em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro com bolsa financiada pela Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Faperj sob a coordenação da prof. Dr. Ana Paula Goulart Ribeiro.

<sup>3</sup> Danielle Ramos Brasiliense é Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e desenvolve pesquisa sobre as representações da violência juvenil na mídia impressa.

<sup>4</sup> Igor Sacramento é Doutorando em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e desenvolve pesquisa sobre autoria, militância política e telejornalismo.



## **Proposta da Mesa**

A questão da memória tem se constituído, nos últimos anos, num privilegiado objeto de estudos no campo das ciências sociais. Nas reflexões mais recentes, vários autores têm chamado atenção para o papel central que as práticas mnemônicas ocupam nas sociedades contemporâneas. Esses pensadores acreditam que estaríamos vivendo um *boom* da memória, uma dilatação do campo do memorável, com uma multiplicação de práticas voltadas para o passado. A restauração dos centros urbanos, a moda retrô, o sucesso das narrativas históricas e biográficas, a multiplicação dos espaços de comemoração, o crescimento de documentários no cinema e na televisão são alguns exemplos do que se tem chamado de “cultura da memória”.

Já existe uma farta literatura a respeito da questão da memória social no mundo contemporâneo. Poucos trabalhos, entretanto, têm analisado o importante papel que os meios de comunicação desempenham nos processos mnemônicos. A mídia é, em geral, pensada como um dispositivo que leva ao enfraquecimento e esfacelamento da memória e não como uma dimensão em que amnésia e a memória possam coexistir e se relacionar, ainda que de forma tensa e contraditória.

Não são poucos os teóricos da chamada pós-modernidade que enfatizam a perda da memória e da referencialidade histórica como uma das marcas do nosso tempo. Para esses autores, isto ocorreria exatamente por causa da mídia que, com suas redes de informação e acelerados ritmos de transformação tecnológica, induziria – pelo desejo de fruição plena no presente – ao enfraquecimento da consciência histórica.

A proposta desta mesa (e dos quatro trabalhos aqui apresentados) é justamente nos contrapor a essa posição. Partindo da idéia de que a cultura da mídia é inerentemente amnésica, mas é também profundamente mnemônica, a idéia é tentar entender de que maneira lembrança e esquecimento coexistem nos meios de comunicação, e perceber quais as relações que entre si estabelecem.

Acreditamos que o tema da memória é de extrema relevância para os estudos da comunicação por dois motivos. Primeiro, em função do papel crucial que a mídia ocupa na produção de uma idéia de história na contemporaneidade. Os meios de comunicação – sobretudo os jornalísticos – ocupam um lugar de grande autoridade simbólica que lhes confere um poder de semantização sobre a realidade e suas transformações. A mídia –



tanto a impressa, quanto a radiofônica, a televisiva ou a virtual – tem a força de definir, dentre todos os fatos da atualidade, aqueles que devem ser memoráveis no futuro (ou seja, aqueles que tem relevância social e, portanto, histórica). Os fatos que acontecem ao largo da mídia parecem não ter importância para o conjunto da sociedade.

Além disso, os discursos jornalísticos – por mais que sejam alvos de crítica e desconfiança – possuem grande credibilidade e autoridade de fala, a ponto de se constituem eles mesmos num dos principais registros do seu tempo. Os meios de comunicação jornalísticos realizam uma espécie de historiografia do cotidiano e, não à toa, são cada vez mais utilizados pelos próprios historiadores, senão como a principal fonte de suas pesquisas, pelo menos como uma delas.

O segundo motivo que, em nossa opinião, confere aos estudos da memória uma importância especial no campo da comunicação está relacionado ao fato de que os meios de comunicação terem bastante consciência de seu lugar como discurso memorável e, não raro, utilizarem dessa sua característica como elemento legitimador do seu lugar social.

Nos últimos anos, jornais, emissoras de televisão e outros veículos têm feito constantemente apelo à história, tanto nos seus processos de legitimação social – nos seus *lugares de auto-referenciação* (como publicidade, editoriais etc.) – quanto no seu enunciar cotidiano, jornalístico propriamente dito (como notícias, reportagens e colunas voltadas a assuntos históricos). E o têm feito de uma maneira constante e intensa. O olhar da mídia tem se voltado, cada vez mais, para trás. Estamos presenciando a uma verdadeira explosão do discurso da memória no jornalismo.

Os exemplos poderiam ser citados a exaustão. Apenas para ficar no campo da auto-referenciação publicitária e institucional, podemos destacar a campanha do jornal *O Globo*, cujo slogan era “O jornal é a história do seu tempo”. No mesmo sentido, merece também ser mencionado o anúncio da *Folha de S. Paulo*, de 2001, que afirmava “Enquanto a história acontecia, a Folha acompanhava tudo de pertinho, relatando aos seus leitores, com toda a fidelidade, o que se passava pelo mundo a fora”.

O jornalismo, em uma primeira instância, seria a negação do passado e da memória. Os jornais são escritos para comunicar aos contemporâneos, sincronicamente localizados, os acontecimentos de seu tempo e não para registrá-lo para as gerações futuras. Os jornais são feitos para os leitores e os anunciantes, não para os historiadores. Sua âncora é o tempo presente. Seu eixo articulador é o atual, o novo.



Os vínculos entre jornalismo e o passado são, entretanto, bem mais estreitos do que podem parecer à primeira vista. E a formalização e o registro da memória social, mesmo não sendo a função primeira do jornalismo, acaba sendo sua função secundária, uma espécie de efeito colateral extremamente importante, inclusive no próprio processo de legitimação de sua função “principal”. Os jornalistas percebem a dimensão memorialista de sua prática e a utilizam para fundamentar seus valores, para justificar sua deontologia.

A memória é um elemento essencial na constituição da identidade do jornalismo, tanto como prática social como dimensão institucional e empresarial. Não se pode esquecer, no entanto, que a memória é também um instrumento e um objeto de disputa e de poder. As práticas mnemônicas da contemporaneidade (como, aliás, toda e qualquer prática mnemônica) espelham conflitos e negociações pelo domínio da recordação e do passado. Como já demonstrou Michel Pollack (1989), toda memória pressupõe enquadramentos, esquecimentos e silêncios. Afinal, como já sabemos desde os trabalhos de Maurice Halbwachs (1925), as memórias não são restituições fiéis do passado, mas reconstruções, continuamente atualizadas e reconfiguradas. As memórias são construções sociais e não objetos naturais que possam ser tratados fora da linguagem que as formulam e as dinamizam.

A quem cabe ser guardião da memória de uma sociedade? Quem detém autoridade para realizar o trabalho de seleção e enquadramento sobre o passado? A quem é dado o poder de outorga de produzir um discurso memorável e a divulgar em objetos-memória (livros, relatos, arquivos etc.) esse passado, tornando-o registrado e imortalizado? Essas são perguntas fundamentais num estudo que envolva memória e meios de comunicação.

Os quatro trabalhos que compõem a mesa aqui proposta procuram analisar, por diferentes aspectos, a dimensão memorialística da prática jornalística, assim como a relação aparentemente contraditória entre memória e esquecimento presente nessa prática. São diferentes exercícios de leitura, que seguem uma mesma linha teórica e postura metodológica. Todos os trabalhos são resultados parciais de pesquisas em andamento na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Os quatro pesquisadores são ligados ao Nepcom (Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação) e trabalham na linha de pesquisa Mídia, Memória e História. Ana Paula Goulart Ribeiro, que coordena a mesa, é professora do Programa de Pós-graduação da ECO/UFRJ e orientadora das pesquisas dos outros três componentes:



Marco Antônio Roxo (bolsista recém-doutor, que desenvolve a pesquisa intitulada “Política e mercado: a disputa de poder na imprensa no Rio de Janeiro da década de 1980”), Danielle Brasiliense (doutoranda, que desenvolve a investigação “Não Matarás: Tabu e Tradição na Cobertura da Imprensa sobre Crimes de Parricídio no Brasil”) e Igor Sacramento (doutorando, com o projeto “Imagens da Nacionalidade: Cineastas de Esquerda no Globo Repórter”). Segue o resumo dos respectivos trabalhos.

### **O jornalismo e suas políticas de memória**

Ana Paula Goulart Ribeiro

O texto procura refletir sobre a dimensão estratégica da memória na contemporaneidade e no seu papel na construção das identidades institucionais das empresas de comunicação jornalísticas. Nosso objetivo é observar, através de um conjunto de exemplos empíricos, como os meios de comunicação configuram suas práticas de memória, seja através de atos comemorativos, de retrospectivas, de campanhas publicitárias ou ainda de projetos de memória institucional.

Como suas lembranças são enquadradas pelas empresas de comunicação? Que pressupostos teóricos (e/ou ideológicos) perpassam suas práticas de memória? Por que a memória ocupa um lugar importante de auto-referenciação para o jornalismo? Essas são algumas das perguntas que norteiam nosso trabalho, que – em última instância – procura refletir sobre a importância e as peculiaridades da memória no contexto da cultura contemporânea.

### **As memórias de Néelson Rodrigues e a triste sina da reportagem policial**

Marco Antônio Roxo

O objetivo deste trabalho é confrontar as memórias de Néelson Rodrigues com diversos relatos de uma elite jornalística sobre o jornalismo policial. Neste confronto, percebemos o caráter ambíguo das representações presentes nos relatos destes agentes sobre a reportagem policial: de um lado, ela se apresenta como uma importante etapa inicial do aprendizado jornalístico; de outro, como subliteratura, um gênero jornalístico de menor qualidade. A nossa hipótese é de que essa ambigüidade não é intrínseca ao gênero em si, mas tem relação com a forma como passaram a ser qualificados os jornalistas responsáveis pela sua produção em diversos momentos em que a profissionalização do jornalismo foi posta em debate.



## **Memória do jornalismo policial nos casos de parricídio**

Danielle Ramos Brasiliense

O ato de matar o pai é de fato uma questão polêmica. Esse tipo de notícia se lê com muitas exclamações e indagações. O jornalismo de categoria policial tem participação intensa na construção da memória desse tipo de acontecimento, cuja atribuição de sentido mais forte é o da monstrosidade. São crimes que não são percebidos pelas contradições que apresentam, mas sim pelo que o senso comum mais diretamente percebe a respeito deles. Pretendemos analisar os trabalhos de memória realizados pelos jornais que empregam a idéia de monstrosidade para tratar de crimes de parricídio em suas narrativas. Buscaremos trabalhar com alguns “casos históricos”, como o crime da Rua Cuba, nos anos de 1980, e o assassinato cometido por dos Suzane Von Rittchtofen, ocorrido em 2002. Pretendemos perceber de que forma esse sentido de monstrosidade é marcado e configurado pelo jornalismo policial brasileiro como memória.

### **No tempo dos cineastas: a memória e a construção da “idade de ouro” do *Globo***

***Repórter***

Igor Sacramento

O texto discute o crescente número de estudos históricos sobre aquela que é considerada “a idade de ouro” do *Globo Repórter*, a década de 1970. Nota-se que, nos trabalhos acadêmicos, em geral, o foco é a atuação de cineastas ligados à militância de esquerda (como João Batista de Andrade, Eduardo Coutinho, Walter Lima Jr e Maurício Capovila) e suas inovações de temática e de linguagem. Mas, nessa época, a produção desses cineastas convivia com uma outra, produzida por repórteres, que normalmente é esquecido ou pouco levada em conta. Questiona-se, então, como se criou a imagem de que aquele teria sido um programa realizado exclusivamente por cineastas. Por fim, discute-se como, nesse processo de enquadramento da memória, estão em jogo as posições ocupadas por jornalistas e por cineastas no mercado de bens culturais.

### **Bibliografia**

- AHLMARK e outros. *Pourquoi se souvenir?* Paris: Grasset, 1999.  
BARBOSA, Marialva. *Percursos do olhar: comunicação, narrativa e memória*. Niterói, EDUFF, 2007.  
BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo, Martins Fontes, 1999.



- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. São Paulo, Perspectiva, 1978
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2002.
- CHESNEAUX, Jean. *Habiter le temps: passé, présent, futur: esquisse d'un dialogue politique*. Paris : Bayard, 1996, 344 p.
- COLOMBO, Fausto. *Arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica*. SP, Perspectiva, 1991.
- CONNERTON, Paul. *How societies remember*. Cambridge University Press, 1989.
- GILLIS, John R. (org.). *Commemorations*. Princeton University Press, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. SP, Vértice, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris, Mouton, 1925.
- HELLER, Agnes. *Uma teoria da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- HERSCHMANN, Micael e PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (orgs). *Mídia, memória e celebridades: estratégias narrativas em contexto de alta visibilidade*. RJ, E-Papers, 2003.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro, Aeroplano Editora, Universidade Cândido Mendes, Museu de Arte Moderna-RJ, 2000.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, Editora da Unicamp, 1992.
- LOWENTHAL, David. *Past is a foreign country . Nova Iorque, Cambridge University Press, 1989*.
- NAMER, Gerard. *Mémoire et société*. Paris, Meridiens Klincksieck, 1987.
- NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. Paris, Gallimard, 1984.
- POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In: *Estudos Históricos*, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.
- \_\_\_\_\_. “Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart e FERREIRA, Lúcia (orgs.). *Mídia e memória*. Rio de Janeiro, Mauad X, 2007.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *A História do Seu Tempo: A imprensa e a produção do sentido histórico*. Rio de Janeiro, ECO/UFRJ, 1995.
- RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papyrus, 1996.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado : cultura da memória e guianda subjetiva*. SP, Cia das Letras, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2007.
- TODOROV, Tzvetan. *Les abus de la mémoire*. Paris : Arléa, 1995, 61p.
- ZELIZER, Barbie. *Covering the body: the Kennedy assassination, the media and the shaping of collective memory*. Chicago, The University of Chicago Press, 1992.